

Caminho se conhece andando: reflexões autobiográficas rumo às metodologias de libertação

Clara Martins Pinto¹

Resumo: Partindo de contribuições de pensadores que refletem sobre a metodologia de pesquisa nas ciências humanas - a saber: do filósofo Paul Feyerabend (1977) e do sociólogo Howard Becker (2008; 2010) - o ensaio apresenta uma autobiografia rumo ao que chamei de “metodologias da libertação”. No trabalho me proponho a pensar os caminhos que determinam, ou ao menos indicam, os interesses de pesquisa, bem como as metodologias que surgem ao longo do percurso investigativo, de acordo com as situações que se apresentam dentro e fora dele. Longe de me pretender determinante ao estabelecer percursos tomados como universais, busco levar em consideração as subjetividades de cada indivíduo. Um mesmo tema de pesquisa pode seguir circuitos completamente distintos de acordo com o olhar e experiência do/a investigador/a.

Palavras-chave: metodologia de pesquisa; ciências humanas; autobiografia; experiência; subjetividades

1. Lavando roupas à mão (ou das pedras no caminho): reflexões iniciais

No meio do caminho tinha uma pedra

Tinha uma pedra no meio do caminho

Tinha uma pedra

No meio do caminho tinha uma pedra

- Carlos Drummond de Andrade -

Minha máquina de lavar quebrou. Enquanto o técnico não veio consertar tive que lavar as roupas à mão. Isso me fez lembrar de experiência vivida em Moçambique, entre 2019 e 2020, quando lá estive em breve temporada de três meses e, durante todo o período, lavei as roupas à mão porque nenhuma das casas em que fiquei hospedada tinha máquina de lavar. Até havia empregadas domésticas que se ocupavam da função em duas das três residências em que fui acolhida, mas eu achava

¹ Doutoranda do programa Discursos: cultura, história e sociedade (CES/Universidade de Coimbra), mestra em Memória Social (Unirio). E-mail: clara.martins@hotmail.com.

absurdo aumentar o trabalho das profissionais², já que eu não poderia arcar com uma remuneração justa e era certo que ela não receberia nada a mais pelo serviço extra.

Esta pode parecer uma forma bem desconexa de iniciar este percurso reflexivo acerca da minha relação com os processos teóricos e metodológicos da investigação no campo das ciências humanas, no entanto a lembrança provocou pensamentos que me pareceram úteis para este trabalho, ilustrando algumas questões introdutórias relevantes, ainda que a analogia não dê conta de toda a complexidade que este pensar/fazer envolve.

É importante, antes de tudo, frisar que nasci e fui criada no Rio de Janeiro, Brasil, na década de 1980 e, desde que me entendo por gente, minha família tem máquina de lavar roupas. Trata-se de um eletrodoméstico tão incorporado ao cotidiano das tarefas do lar que, para o grupo social ao qual pertenc³, é impensável não o ter em casa. Isto significa que lavar roupas à mão nunca foi sequer cogitado, a não ser que se tratasse de uma peça que exigisse um cuidado muito específico. Situo esse contexto para apontar o estranhamento e inexperiência diante da nova situação que se colocava para mim naquele momento. Em cada casa tive que criar formas diferentes de lavar minhas roupas, já que apenas uma delas tinha um tanque com a forma que conhecia do Brasil e esta opção certamente fora interpretada por meus/minhas anfitriões/ãs de formas bem diferentes - tanto em uma analogia entre eles/as, quanto sobre as minhas motivações: se para uns eu era estranha, para outros era consciente.

A primeira casa tinha um enorme quintal de terra, o cuidado era grande para não sujar as roupas já lavadas. Utilizava, então, duas bacias de plástico e uma torneira que jorrava água diretamente para a terra. Além disso, precisava prestar atenção à economia de água, já que era frequente faltar na parte da noite. A segunda casa realmente tinha uma caixa d'água muito pequena para o consumo da família, então a consciência da economia era mais do que necessária, era fundamental. Esta tinha um tanque mais próximo do que eu conhecia do meu país de origem e o problema de sujar

² Profissional que já é mal remunerada pelos serviços todos prestados, tanto no Brasil quanto em Moçambique. Embora não seja sobre a abordagem aqui proposta, devo dizer que este é um ponto de encontro entre as duas ex-colônias portuguesas percebido logo nos primeiros dias da estadia. Lendo a obra "O tempo das Criadas", de Inês Brasão, que aborda o serviço prestado por criadas sobretudo em sua relação com a subalternização da categoria, vi que o olhar, nos âmbitos público e privado, para o trabalho dessas pessoas (mulheres, em geral) pode se tratar de uma herança colonial.

³ Sabe-se que este é um privilégio de um grupo considerado classe média no Brasil, sobretudo das grandes capitais metropolitanas, como o Rio de Janeiro.

as roupas durante o próprio processo de lavagem era menor, já que não havia um chão de terra. No entanto, não existia encanamento que ligasse o mesmo a qualquer sistema de escoamento da água, então o espaço em que estava instalado ficava inundado e tinha que ser limpo tão logo a função terminasse. Na última casa em que fui acolhida não havia uma área externa para a execução da função e as roupas eram lavadas na banheira da casa de banho. Nas primeiras vezes em que lavei minhas vestimentas o chão ficou bastante molhado, mas com a experiência, fui criando formas de otimizar o trabalho e sujar menos a área, evitando também que o trabalho das/os funcionárias/os da casa fosse prejudicado. Além disso, cada um dos espaços em que exerci a pouco conhecida tarefa exigia um esforço físico diferente de meu corpo: em uma era de cócoras bem próxima do chão, na outra de pé e na última, curvada na banheira. As formas criadas para cuidar das roupas foram sendo recriadas de acordo com o que cada ambiente, em seus funcionamentos particulares, me oferecia.

Penso que, para cada casa e em cada contexto, fui criando métodos mais eficazes para poder lidar com as diferenças entre estes espaços, métodos distintos dos quais operava no Brasil, ou seja, dos que me eram familiares. Trago, então, o relato desta situação que me ajuda a pensar os percursos que nos exigem determinadas posturas e que são parte do nosso trajeto formador, repleto de encontros, escolhas... de subjetividade. E atravessado por diversos aspectos das relações humanas. Sendo assim, detalhar e refletir sobre esse caminho auxilia na problematização da minha experiência como quem vivenciou a situação e foi se percebendo dentro do processo, produzindo sentidos na época da, e após a, vivência. Possibilita a aproximação entre as muitas camadas que me compõem – para, na sequência, direcionar mais luz para aquela que diz sobre a investigadora/pensadora em processo que sou. Percebo, trazendo esta memória pessoal, a possibilidade de conectar o que pode parecer inconectável, relacionando um impasse com o qual me deparei em situação não acadêmica ao processo de fazer acadêmico. Diante disso, pergunto-me se existem, de fato, dois mundos separados: o acadêmico e o não acadêmico, ou se esta divisão entre os mundos não seria apenas uma ordem estabelecida pela forma de conhecimento ocidental, que rejeita a credibilidade do que a ela não se enquadra. (Kilomba, 2019: 53)

Em artigo que trata dos relatos autobiográficos de professores em suas histórias de vida, a professora da Universidade Federal de São Paulo (USP), Belmira Oliveira Bueno,

traz um breve - e denso - histórico da utilização dos métodos biográficos e autobiográficos ao longo do século XX, quando surgem como possibilidade de se repensar os caminhos das pesquisas em ciências humanas com a elaboração de novas formulações teóricas, numa perspectiva de oposição ao que vinha se desenhando com base nos estudos que visavam a construção de uma ciência objetiva e globalizante (Bueno, 2002: 13). Faço aqui um recorte para a questão da subjetividade, que ganha espaço considerável no referido trabalho, no qual a autora aponta que constitui “uma via de acesso não linear ao conhecimento científico do sistema social, o que não se faz sem uma invenção de estratégias e métodos.” (20).

A ideia de que a subjetividade faz com que construamos “estratégias e métodos” antes impensados me faz notar um ponto de contato entre a vivência em Moçambique acima descrita e os caminhos que a pesquisa acadêmica nas ciências humanas, tomadas como foco deste trabalho, podem proporcionar. Isto porque acredito que o caminho se faz no caminhar, ponto de vista que não me parece possível se ignorarmos o impacto do que nos formou enquanto sujeitos⁴, sem considerarmos que os percursos são escolhidos de acordo com o que nos provoca sentido(s) e desperta nosso interesse. Acredito também que as formas adotadas para perceber o que pode ou não se tornar um impasse diante de novos – e, possivelmente, em um primeiro momento, incompreensíveis – encontros, bem como as maneiras de lidar com estas possíveis pedras que surgirão ao longo do caminho estejam diretamente relacionadas com aspectos subjetivos de quem está realizando a investigação. Afinal, o encontro com a pedra, que é um fator externo sobre o qual não temos controle, pode se desdobrar de inúmeros modos: pode ser só uma pedra a ser desviada, pode ser ignorada, pode se tornar um apoio para descanso, um elemento para escalada, pode isso, pode aquilo, pode...! Só depende do/s sentido/s que quem a encontrou vai dar ao evento.

⁴ Utilizo aqui a definição de sujeito trazida por Grada Kilomba (2019) no livro *Memórias da plantação, episódios de racismo cotidiano*, quando, na esteira de Paul Mecheril (2000) situa que: “a ideia de sujeito, incorpora três diferentes níveis: o *político*, o *social* e o *individual*, que compõem as esferas da subjetividade” (Kilomba, 2019: 74). Faço essa opção adotando um viés político necessário por este trabalho se propor a trazer uma autobiografia. Identifico que, no contexto brasileiro, meu fenótipo é de uma pessoa *branca*, o que me faz estar inserida na condição de *sujeito* trazido por Kilomba, não de *objeto*, como estaria um corpo (em sua materialidade e intelectualidade) *negro*. Com isso, manifesto a consciência de que o lugar de onde falo se vê refletido nestes escritos e ele é, inevitavelmente, da *branquitude*.

Voltando para a experiência da viagem, por mais que antes de embarcar rumo ao país africano banhado pelo oceano Índico eu tivesse pesquisado sobre seus pontos turísticos, línguas faladas pelas diferentes etnias, os modos de vida na capital, Maputo, ou sobre sua culinária, não encontrei informação acerca da ausência de máquina de lavar roupas nas casas. Essa referência parece irrelevante quando se apresenta Moçambique em ambientes virtuais direcionados aos turistas (e não turistas também, já que busquei informações em muitos blogs de brasileiros/as que se mudaram para lá). Só tomei ciência do que enfrentaria quando cheguei lá e, mais, só se tornou uma questão quando optei por cuidar de minhas próprias roupas. E enquanto escrevo estas linhas reflito que, talvez, este não seja um aspecto retratado nos ambientes virtuais que tragam informações para viajantes porque é possível que direcionar os cuidados de seus objetos pessoais a terceiros não tivesse sido um problema para quem escreveu. Ou mesmo porque as casas em que foram recebidos tinham o referido eletrodoméstico⁵. Dito isto, percebo que minha leitura da situação indica que as escolhas que fiz estiveram absolutamente ligadas a aspectos relacionais dos a quem sou e como olho para e lido com as situações, como o olhar problematizador para o trabalho doméstico exercido por pessoas fora daquele núcleo familiar e a noção de que não gostaria de corroborar com a subalternização atribuída ao labor daquelas mulheres e daquele homem que serviam aos patrões e patroas por salários muito baixos. Assim, as formas que fui encontrando, em cada casa, de criar meios de cuidar das vestimentas foram se configurando de acordo com os espaços e com as relações que neles se estabeleceram, assim como acontece quando estamos a investigar, reconhecendo os espaços e relações que neles nos são apresentados.

2. Um rápido panorama do que chamo “metodologias de libertação”

Assim como a experiência narrada acima por estar fora do meu espaço de origem, o trabalho de investigação no campo das ciências humanas, especialmente as sociais, também é atravessado pelas subjetividades de quem está investigando e dos sujeitos - individuais ou coletivos - investigados, ainda que a análise trate apenas de

⁵ Claro que há inúmeras possibilidades para além das elencadas, como questões socioeconômicas, de gênero e tantas outras que sequer consigo pensar por fugirem do meu campo de visão. Mas, mais do que elucubrar sobre as causas de não ter encontrado o eletrodoméstico, me interessa olhar para as adaptações necessárias para uma mesma ação – a de lavar roupa – de acordo com cada ambiente.

documentos, de elementos não humanos (ainda assim, produzido por humanos). As formas de ler, de interpretar as informações e de se relacionar com os materiais colhidos passam, inevitavelmente, por quem o pesquisador é e pelos caminhos que o levaram àquela investigação e não à outra, tendo em vista que a pesquisa é movida por questões que nos provocam a buscar respostas para as inquietações que nos perturbam e/ou instigam.

Por falar em subjetividades, Alinne Bonetti e Soraya Fleischer (2007) organizaram um livro - *Entre saias justas e jogos de cintura* - de ensaios escritos por jovens antropólogas se pensando enquanto mulheres em campo, nas suas relações com os grupos investigados, com o diário de campo, com os métodos e conceitos adotados ao longo de suas pesquisas. Embora os textos relatem as experiências na área da antropologia, há possibilidade de relacionar as questões sobre as quais as autoras lançam as provocações com outros campos de conhecimento e isso aparece logo na abertura, quando sinalizam que “várias pessoas escreveram demonstrando simpatia com a proposta do livro” e acrescentam “que esse interesse foi demonstrado justamente porque elas se reconheceram na nossa proposta pelo impacto subjetivo que geralmente se vivencia durante as pesquisas de campo, mesmo que não ‘essencialmente’ etnográficas.” (Bonneti e Fleischer, 2007: 21). Ou seja, há questões que atravessam pesquisadoras/es de diferentes campos de saber, ainda que cada qual tenha seus processos teórico-metodológicos pré-definidos para o trabalho em campo.

Levar as subjetividades em conta, possibilitando a noção de que os resultados de investigação são parciais, auxilia na problematização dos métodos clássicos e encontra eco no trabalho de Paul Feyerabend, que nos sugere a adoção de uma metodologia anárquica, considerando que “o anarquismo teórico é mais humanitário e mais suscetível de estimular o progresso⁶ do que suas alternativas representadas por ordem e lei.” (Feyerabend, 1977: 17). Para o autor

A história da ciência não consiste apenas de fatos e de conclusões retiradas dos fatos. Contém, a par disso, ideias, interpretações de fatos, problemas criados por interpretações conflitantes, erros, e assim por diante. Análise mais profunda mostra que a ciência não conhece ‘fatos nus’, pois os fatos

⁶ O autor explica o que entende por “progresso” mais adiante no texto: “minha tese é a de que o anarquismo favorece a concretização do progresso em qualquer dos sentidos que a ele se decida emprestar” (Feyerabend, 1977: 34).

de que tomamos conhecimento já são vistos sob certo ângulo, sendo, em consequência, essencialmente ideativos. (Feyerabend, 1977: 20)

Estes apontamentos filosóficos que iluminam possibilidades outras para a pesquisa científica, sinalizando que vale tudo e desconstruindo universalismos, desprovidos de amarras teóricas e metodológicas globalizantes, que não pretendem operar de acordo com a “ordem e lei” e construir verdades gerais sobre os fatos, me oferecem grande conforto. Libertam-me do incômodo provocado pela utilização dos métodos e teorias tradicionais, uma vez que, durante o curso do mestrado (sobre o qual falarei mais adiante) fui impulsionada a seguir em busca de enquadramento do meu olhar para o que já estava posto e consolidado, sem muita margem para as interpretações que poderiam vir de camadas diversas que me compõem, fruto do meu processo formativo institucional e não-institucional. E devo dizer que a escolha do título deste ensaio surgiu justamente a partir desses encontros com pensadores que trazem reflexões libertadoras ao considerarem um olhar e uma interpretação apenas como um olhar e uma interpretação, não como “fatos nus”, incontestáveis sob a luz de uma teoria totalizante.

Ainda pensando a conexão entre a experiência da lavagem de roupa à mão com os percursos da investigação científica, também chamo atenção para o ponto de que, assim como acreditei estar saindo do Brasil preparada para uma imersão em Moçambique sem grandes percalços, muitas vezes, ao lermos as teorias e os resultados de trabalhos publicados anteriormente próximos aos temas de nosso interesse, acabamos por definir os caminhos teóricos e metodológicos a serem percorridos a partir deles, como verdades. Nada contra uma preparação prévia, ela pode, inclusive, auxiliar bastante. No entanto, devemos ter em mente que, diante da experiência em campo, da recolha de dados a serem analisados, podemos ser levados para outros percursos e é possível que tenhamos que adotar novas lentes para olharmos para o desconhecido, por vezes inesperado, que se apresenta.

Ainda neste sentido, Howard Becker, tratando das categorias aplicadas às ciências humanas, aponta para a noção de que “Os nomes, e os pensamentos que implicam, nos impedem de ver o que há para ver” (2008: 108). Concordo com o autor. Parece-me que, partindo para a coleta de dados muito certos do que vamos encontrar, com tudo

previamente mapeado e nomeado, não abrimos espaço para o que aquela experiência tem a nos dizer. O autor nos aponta que

Um obstáculo significativo para a descrição e a análise adequadas dos fenômenos sociais é que pensamos já conhecer a maior parte das respostas. Tomamos muita coisa por certo, porque, afinal, somos membros adultos e capazes de nossa sociedade e sabemos o que qualquer adulto capaz sabe. (Becker, 2008: 107)

Becker, em seu texto, fala tanto do recorte e seleção do tema da pesquisa quanto da experiência em campo, trazendo uma gama de exemplos, como quando esteve fotografando em um ambiente hospitalar e, influenciado por olhares externos, acreditou que não havia acontecimentos relevantes o suficiente para serem registrados. Foi apenas quando se questionou sobre não ter nenhum incidente fora da curva que carecesse de registro que percebeu quão interessante era observar o que acontecia entre equipe nesses espaços de tempo cotidianos, em que nada extraordinário estava acontecendo. E isso rendeu muito além do que imaginava.

Partindo de suas reflexões, entendo que a criação e/ou aplicação de um método - seja no fazer científico, em uma construção arquitetônica, na produção de uma atividade cultural ou mesmo em uma lavagem de roupas – deve estar a serviço de quem está executando a atividade, facilitando sua leitura, indicando caminhos para se chegar aos resultados (esperados ou não) e, com isso, não devem se limitar aos modos e enquadramentos já feitos, categorizando os dados em uma organização que se quer perfeita e globalizante – o que considero que seria impossível nas ciências humanas, tendo em vista que as relações sociais são dinâmicas, são processos contínuos. Assim, reduzindo as possibilidades de leitura, estaríamos limitando as interpretações, enquadrando em caixinhas pré-estabelecidas e aprisionando a pluralidade em camisas-de-força que inviabilizam a observação da movimentação, da impermanência e da subjetividade de todo o componente humano envolvido no trabalho científico a ser produzido.

Parece-me, então, que a pesquisa nas ciências humanas se trata de uma construção, de um processo, tal qual as relações, conforme defendi há algumas linhas acima. E os caminhos e descaminhos podem variar e se enveredar para destinos bastante distintos daqueles imaginados previamente. E, mesmo que estejamos munidos de ferramentas que, a princípio, nos fariam navegar por mares conhecidos, estamos sujeitos ao acaso

quando nos lançamos em nossos campos investigativos. O trabalho é um caminho a ser percorrido, e, enquanto caminho, não há estradas certas ou erradas. Há passos dados. E estes irão nos levar a um ou outro lugar, cujos resultados serão fruto de uma relação de busca e entendimento de que a cada investigação é lançado um olhar sobre determinado assunto, utilizando lentes escolhidas a partir de uma perspectiva. Portanto, é importante pensarmos que seus resultados não são definitivos, mas contribuições para os modos de se perceber de maneira mais ampla os sujeitos, em suas dimensões sociais e culturais, aos quais nossos interesses, curiosidades e questionamentos estão direcionados.

Deste modo, desmontar a ideia de que o trabalho de pesquisa sobre as relações humanas é imparcial me parece um importante recurso a ser incorporado por quem está a realizar a investigação, de maneira a torná-la mais leve, fluida e até – e por que não? – produtiva. Becker sinaliza que as representações da sociedade são *perfeitas* quando permitem que os elementos típicos atendam aos *produtores e usuários*, independentemente destes serem leigos ou, seus pares, sociólogos – que ele provoca ao afirmar que não são a única autoridade a falar/representar as sociedades, embora pensem o contrário (2010: 29). Na sequência indica que esta condição “jamais existe completamente” e que “os critérios que definem a aceitabilidade variam”. Neste sentido, diz que

Tanto os produtores quanto os usuários de representações científicas gostariam que as linguagens verbal, numérica e visual que empregam em seus artigos e relatórios fossem os típicos elementos neutros que nada acrescentam ao que está sendo relatado. Como uma vidraça limpa, permitiriam que os resultados fossem vistos através deles, sem serem afetados. (Becker, 2010: 29)

O autor reflete, em diálogo com outros autores, ser impossível e elenca alguns exemplos em que expressões e dados podem ser aceitos por um determinado grupo e não aceito por outro, ou ainda, aspectos que sejam de interesse de um e de outro sejam ignorados, sinalizando que

todos esses métodos de retratar a realidade social foram considerados aceitáveis por públicos científicos e leigos, cujos integrantes aprenderam a aceitar, ignorar ou não levar em conta os efeitos indesejados dos elementos comunicativos que aceitavam como padrão. (Becker, 2010: 30)

Em outras palavras, há padrões nos quais certos resultados representacionais se enquadram, e para serem “perfeitos” na sua análise eliminam tudo o mais que “sobra”,

que não cabe e não se encaixa. Deste modo, ainda que os fatos pudessem ser vistos sem interferência de quem os apresenta – isto é, através de uma “vidraça limpa”, como Becker nos sugere – não representariam o todo, ou uma verdade globalizante, uma vez que eliminara o que não era interessante para suas conclusões. No entanto, o que representou uma “sobra” ou alguma informação oculta por um trabalho, em outro pode ser, justamente, o foco de interesse.

No texto da pesquisadora Daniela Cordovil, que compõe o capítulo 9 do já mencionado livro, *Entre saias justas e jogos de cintura*, encontramos logo no início uma reflexão que entendo ir ao encontro do que sublinhamos acima do pensamento de Howard Becker. Ela diz que

Ao escrever sobre seu próprio trabalho de campo, o antropólogo tende mais a silenciar do que a revelar, seja no que diz respeito a circunstâncias práticas ou ao vai e vem das idéias⁷ que o atormentam no fazer artesanal do dia a dia etnográfico. Ao ler uma etnografia pronta, dificilmente o leitor pode ter idéia do manancial de informações e idéias que foi deixado de lado para que esse trabalho apresentasse um mínimo de coerência. (Cordovil, 2007: 255)

Leio a ideia de “coerência” apresentada pela autora entendendo que haja uma forte aproximação com a de “perfeição” trazida por Becker, uma vez que ambas falam da construção de uma narrativa que omite uma série de informações que, talvez, apontassem para outros resultados que não os indicados no trabalho final. Esta noção nos direciona para uma questão que tenho insistido aqui: a perspectiva de que enquanto pesquisadores/as, somos imparciais. Aponta também para a invisibilidade/silenciamento do diário de campo, onde muitos aspectos mais subjetivos são anotados, mas deixados de fora na hora da escrita final, na apresentação dos dados.

Somos impulsionados pelo próprio modo de construção do conhecimento pautado nos modelos das ciências “duras”, exatas e biológicas, a agarrarmo-nos à noção de que precisamos ser imparciais e esta concepção me parece pouco eficaz, na medida em que nos anulamos enquanto sujeitos cujos trajetos pessoais, os mais diversos e inimagináveis, nos levaram a querer saber mais e produzir conhecimento sobre determinado assunto e ler os dados de forma particular, através de lentes escolhidas de acordo com nossas trajetórias e limitações. Importante, neste processo, é ter clareza

⁷ O texto foi escrito antes do acordo da Língua portuguesa.

sobre quais são essas lentes e, na escrita/apresentação, deixar claro para quem irá ler, ver, interpretar. E esta interpretação, ainda com todo o percurso dito, poderá ser diferente daquela desejada no momento da produção. Não podemos esquecer que estamos trabalhando com relações humanas e que estes estudos não configuram uma ciência exata.

Não quero dizer que devemos abandonar de uma vez por todas a adoção de teorias ou que não haja necessidade de estarmos comprometidos com questões metodológicas as quais adotaremos ao longo da caminhada. São estes recursos que servirão para legitimar nossas investigações em seus campos de saber, para fazer nosso/a leitor/a perceber quais foram as trilhas que nos fizeram chegar aos resultados atingidos, mas percebo que não devemos utilizá-los de forma a aprisionar e limitar nossos possíveis modos de olhar e de investigar e, sempre que for preciso, que quebre as regras, como a teoria feyerabendiana nos provoca a fazer, ao nos lembrar que o progresso se torna possível quando alguns pensadores decidem não se deixar limitar por certas regras metodológicas óbvias (Feyerabend, 1977: 29). Ou como Becker, que sugere ser “bom ter uma maneira convencional de fazer o nosso trabalho, mas é bom também fazer tudo que for preciso para sacudir essa convenção de vez em quando.” (Becker, 2008: 110). Ousando e não silenciando-nos em nossos percursos conseguiremos resultados não esperados e, possivelmente, de grande contribuição.

Para finalizar estas reflexões iniciais, ainda que falemos de lugares bastante distintos, brado com Grada Kilomba quando demanda “uma epistemologia que inclua o pessoal e o subjetivo como parte do discurso acadêmico, pois todas/os nós falamos de um tempo e lugar específicos – não há discursos neutros” (2019: 58). Assim, mesmo que a autora não traga um ineditismo⁸ sobre a adoção das subjetividades, utilizo suas palavras porque traduzem exatamente o que acredito ser importante: que nos relacionemos com a academia e com as ferramentas que por ela nos são oferecidas sem que haja dominadores/as e dominados/as. Com estas considerações, passo à reflexão e escrita de meu percurso, na busca de entender quais foram os caminhos que me trouxeram até aqui a possibilidade de respiro que as teorias que questionam a norma dominante oferecem.

⁸ A artista e pesquisadora bastante na fonte de bell hooks e Frantz Fanon, entre outros/as.

3. Trajeto interdisciplinar, uma escolha intuitiva rumo às metodologias da libertação

*Isso de querer ser
exatamente aquilo
que a gente é,
ainda vai nos levar além.*
- Paulo Leminski -

Início a escrita deste percurso autorreflexivo/autobiográfico recorrendo novamente à Bueno, que nos traz a noção de que “a abordagem biográfica prioriza o papel do sujeito na sua formação, o que quer dizer que a própria pessoa se forma mediante a apropriação de seu percurso de vida, ou do percurso de sua vida escolar” (Bueno, 2002: 22). Partindo de sua contribuição, que vem acompanhada de diálogo e explanação de outros pensadores da autobiografia como método na formação de professores, penso que os estudos pautados em nossas próprias histórias de vida nos possibilitam elaborar nosso percurso, recontando e dando sentido aos caminhos que escolhemos seguir e nos percebendo dentro deles e dos afetos que nos compõem e orientam. Isto, obviamente, não acontece sem que possamos relacionar ao contexto social em que estamos inseridos/as. Deste modo, nos possibilita a análise, nos dando pistas tanto de dimensões sociais quanto individuais/subjetivas.

Somando à esta perspectiva, recorro às palavras de minha colega do Centro de Estudos Sociais (CES), discente do doutoramento em Estudos Feministas que, generosamente, me enviou sua autobiografia de gênero, escrita para apresentar ao final de um dos seminários cursados por ela. Eliane Godinho aponta para a noção de que

Conceitos, categorias, reflexões compõem a tessitura da escrita e mesmo com toda a teoria a qual possamos ter acesso, vivências, leitura e presença de/com e no mundo, é imprescindível destacar que histórias de vida são sempre uma ficção de si e dos nossos processos, conscientes ou não. (Godinho, 2017: 1)

Pensar nossas histórias e as formas como vamos contá-las é, de fato, uma “ficção de si e dos nossos processos”. Ou, como diria o poeta brasileiro Waly Salomão em um verso que uso sistematicamente, por tamanha genialidade: “A memória é uma ilha de edição” (Salomão, 2014: 233). Ou ainda, como já vimos com Feyerabend, não há “fatos nus”, sim interpretações, ideias, erros, acertos e, acrescento, caminhos. Ainda

que a nossa seja a história que tenhamos maior propriedade para falar sobre, quando escolhermos a forma como conduziremos essa apresentação estamos criando uma narrativa ficcional, como sugere Godinho; editando as memórias da mesma maneira que um filme é editado, como indica Waly Salomão; e atribuindo aos fatos as vestimentas no estilo que queremos dar a eles. E isto pelas mais diversas razões “sejam elas conscientes ou não”.

Então começo esse exercício com outra experiência recente, desembaraçando os nós das recordações, permitindo que as lembranças respeitem seu fluxo e trazendo os sentidos que vão se colando a elas como um ímã, atraídos pelas construções narrativas inconscientemente presentes pelas próprias leituras que faço a partir de referencial teórico e formas de fazer com as quais me identifico.

Há pouco tempo, ao escrever uma carta de motivação para concurso, me dei conta de que meus trajetos acadêmico e profissional foram absolutamente interdisciplinares. No primeiro ciclo, quando ainda estava a dar os primeiros passos nesta carreira de investigação, conseguia abrir brechas de respiro para puxar disciplinas que nada tinham a ver com meu curso. Por exemplo, certa vez me emocionei bastante com um romance que tinha como pano de fundo o conflito entre a Palestina e Israel. O período do final da leitura coincidiu com o de matrículas nas disciplinas do semestre e quando fui me inscrever não tive dúvida sobre me matricular em “História do Oriente Médio”, ainda que essa matéria eletiva pouco me fosse ser útil para o que estava cursando. Meu trajeto é assim: feito de interesses e afetos (afetivos e afetáveis) diversos.

a. Primeiros passos, da escola à universidade

Entrei tarde, ou mais tarde que a maior parte das minhas relações de adolescência, na universidade. Quando finalizei, com muito custo, o ciclo escolar, não sabia o que fazer. Na escola tinha perdido o interesse pelas disciplinas, de um modo geral. As que ainda tinham algum brilho diante de meus olhos eram literatura, um pouco de gramática e outro tanto de história (mais do Brasil do que geral). bell hooks, no livro intitulado *Ensinando a transgredir* sinaliza que

O sistema de educação bancária (baseado no pressuposto de que a memorização de informações e sua posterior regurgitação representam uma aquisição de conhecimentos que podem ser

depositados, guardados e utilizados numa data futura) não me interessava. Eu queria me tornar uma pensadora crítica. (hooks, 2013: 14)

Encontro eco no que hooks traz com a noção de uma “educação bancária”, ainda que ela fale da experiência no ambiente universitário. Hoje entendo o quão duro é o percurso dos anos escolares, repletos de conteúdos que não fazem sentido, distanciados de qualquer prática cotidiana, sobretudo as disciplinas de exatas, que nos impedem de interpretações para além das fórmulas. Fato é que, por conta dessa resistência, passei colando⁹. Poderia omitir esta informação da qual pouco me orgulho, mas que é fundamental para notarmos o quanto o sistema educativo formal é deficitário entre jovens brasileiros/as, que podem ter sua vida de estudos comprometida pela falta de interesse gerada pelos métodos adotados em sala de aula. A questão é que, naquela época, minhas amigas estudavam e me passavam as respostas com a colaboração de alguns inspetores que gostavam de nós por não sermos do grupo de estudantes que causava transtornos. Eu nunca conseguia gravar as fórmulas que os professores exigiam nas avaliações. Não via sentido naquilo.

Finalizei este ciclo com dezessete anos, dentro do prazo esperado, porém só entrei na faculdade cinco anos depois. Quando completei vinte e dois anos, me dei conta de que era a hora de voltar a estudar. Precisava movimentar o barco que parecia estar à deriva aos olhos dos familiares mais velhos que me rodeavam e se angustiavam diante de minha indecisão sobre o que fazer. Foi então que decidi buscar algum rumo que me interessasse para seguir viagem. Como sabia das minhas poucas possibilidades de ingressar em universidade pública - cujo vestibular é outra forma de avaliação que exclui muitos/as jovens - devido ao histórico da adolescência, acabei pesquisando os cursos disponíveis em universidades particulares que pudessem ser de meu interesse.

Devo dizer que, no espaço de tempo entre os estudos escolares e universitários, não estive tão à deriva quanto me fizeram acreditar à época. Fiz curso de teatro entre os 19 e 21 anos e cheguei a tentar estudar jornalismo em uma universidade particular perto de onde eu morava. Essas experiências me auxiliaram, mais tarde, na seleção da carreira que optei por seguir, a de produtora cultural. Tinha o teatro como paixão antiga, gostava desde criança, sempre fui muito cênica nas brincadeiras, mas o palco

⁹ “Colar” é expressão utilizada no Brasil para o ato de pegar respostas ilicitamente com amigos nas avaliações escolares.

me causava desconforto e desisti de atuar, ainda que meus pares sinalizassem minha habilidade para esta arte. No entanto, durante breve período, enquanto ensaiava para um espetáculo que estava a ser montado, apoiei a produção do que estava em cartaz e descobri um pedacinho do que era o mundo da produção teatral.

Na universidade, na tentativa de cursar jornalismo, aos dezenove anos, fiz um amigo que já tinha uma formação em ciências sociais e estava ali em uma segunda faculdade. Ele me deu aulas espontâneas logo após meus péssimos resultados na primeira avaliação, seguindo a mesma lógica de decoração (e desinteresse) do ambiente escolar. Naqueles encontros na biblioteca redescobri o prazer pelo conhecimento adquirido através da leitura e diálogos, passei a ousar mais nas avaliações, trazendo reflexões da vida prática que me chegavam através dos encontros com os autores/as e discussões. Ainda que não sentisse que seria a carreira que desejava seguir, comecei a entender que poderia ser divertido voltar a estudar.

Falo das duas experiências vivenciadas no lapso de tempo entre o ensino médio e a universidade porque foram fundamentais para o encontro do curso que optei por seguir: Ciências Sociais com Ênfase em Produção Cultural. Eu queria ser produtora cultural, trabalhar com artes, me manter ligada ao teatro. Por outro lado, não queria lançar mão das reflexões que já me acompanhavam e rendiam longas e interessantes conversas. A união parecia perfeita. No entanto, era um curso novo, ainda não tinha uma turma já formada e, por conta dessa falta de tradição, não contei com grande apoio dos meus familiares para o ingresso. Por sentir que era o único caminho possível, levando em conta meus interesses pessoais, fiz a prova de admissão, fui aprovada, matriculei-me e iniciei os estudos.

A formação em produção cultural era técnica, porém estar vinculada às ciências sociais era um grande diferencial, pois tomava a cultura sob perspectiva antropológica, o que significava estar fora de uma lógica exclusivamente de mercado que privilegiava as elites econômicas¹⁰. Portanto, ao mesmo tempo em que tive muitas disciplinas voltadas para as práticas de produção, que visavam a elaboração de orçamentos e cronogramas, escrita de projetos culturais em editais de patrocínio e leis de incentivo ou marketing cultural, também estudava disciplinas teóricas, como “História do tempo

¹⁰ Aqui me refiro à alta cultura, numa lógica ocidental de artes, que exclui o que é chamada de arte/cultura popular.

presente”, “Teoria do conhecimento” e “Cultura e cidadania”, essa última ministrada por uma antropóloga que influenciou, definitivamente, meu percurso acadêmico.

Essa pluralidade e entrelaçamento de saberes proposta pelo curso refletia um cenário que se desenhava no campo das políticas públicas para a cultura. Em documento oficial produzido pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), encontramos informação sinalizando que o Ministério da Cultura (MinC)

anunciou que atuaria em diversas dimensões da cultura, ampliando seu conceito de forma a abranger esferas não contempladas por governos anteriores, tendo feito com que a própria cultura fosse tratada como uma das dimensões da atuação governamental e do desenvolvimento e fosse incluída em oito das trinta diretrizes estratégicas de governo. (Brasil, 2007, p. 137)

A chegada de Luís Inácio Lula da Silva (Lula) na presidência do Brasil, em 2003, movimentou e efervesceu o cenário cultural que, em governos anteriores, não encontrava tamanho protagonismo e, com isso, o trabalho na cultura se tornou solo fértil para jovens profissionais em formação. Trago esta referência para ilustrar o contexto histórico do país no período da criação do curso, na primeira década dos anos 2000. No entanto, acredito que não tenha sido apenas o cenário político no campo da cultura que tenha favorecido a integração das ciências sociais à produção cultural, uma vez que os debates e defesas da interdisciplinaridade, fortalecido nas últimas décadas do século XX, também foram impulsionados pelo mercado de trabalho e não apenas pela academia (Mangini e Miotto *apud* Perez, 2009: 426).

Perez, que faz um mapeamento da produção científica entre os anos de 1994 e 2015 acerca do termo “interdisciplinaridade”, buscando em uma plataforma de grande reconhecimento científico¹¹ na América Latina artigos que o levam no título, sinaliza que a crise do capitalismo na década de 1970 “trouxe a ideia da interdisciplinaridade como um meio para resolver os problemas da formação excessivamente especializada dos trabalhadores sob o modelo taylorista/fordista.” (Perez, 2009: 426). É interessante observar as atmosferas política e intelectual das décadas anteriores e da qual o curso foi fundado.

Na graduação/licenciatura descobri o real gosto pelo conhecimento. As disciplinas teóricas me estimulavam tanto que ainda hoje lembro do cheiro e sensação dos pensamentos me atravessando enquanto descia os onze lances das escadas do prédio.

¹¹ Scielo.

As trocas durante as aulas de “Cultura e cidadania” eram excelentes, eu gostava muito das referências apresentadas e a proposta do trabalho de conclusão da disciplina era desenvolver uma etnografia realizada em organização não governamental voltada para a cultura. Não pude estar nos dois encontros dedicados à defesa do trabalho escrito e, com toda a minha inexperiência com apresentações para a turma de trabalhos acadêmicos, vendo as apresentações dos/as colegas, acabei escrevendo entre parênteses a frase “tentativa de etnografia”, antecedendo o título. Entreguei e não retornei para apresentar, tamanha insegurança. Quando escrevi à professora explicando minha ausência, recebi um ótimo retorno sobre o trabalho, escrita e olhar. Pouco tempo depois fui convidada para integrar um projeto de iniciação científica acerca do turismo cultural na favela da Rocinha. Estas foram as minhas primeiras experiências com o método etnográfico, com a observação participante e com escrita de trabalho a partir das anotações no diário de campo. O encantamento pela possibilidade de ter, pela primeira vez, voz num trabalho acadêmico foi determinante para o meu desejo de seguir na pesquisa.

Se por um lado as disciplinas teóricas me estimulavam, foi justamente na disciplina de “Metodologia de pesquisa” que desanimei e senti medo de não ser capaz de seguir. Comecei com muitas expectativas, acreditando que seria ótimo para conhecer os caminhos possíveis no desenvolvimento de pesquisas, mas a bibliografia escolhida e as aulas eram desestimulantes e cansativas. Muitas técnicas e poucas reflexões me fizeram ir ao encontro de tudo o que refutava nos anos escolares. Comecei a enfrentar dificuldades em olhar para os métodos investigativos com bons olhos, ainda que me mantivesse interessada em seguir pesquisando.

Além disso, desenvolver uma carreira científica no interior de uma universidade particular, onde os/as professores/as não tinham qualquer tipo de vínculo permanente, foi um desafio imenso. Pensei em pesquisar o cinema iraniano com orientação de um dos professores com quem tive aula como trabalho de conclusão de curso. Ele era antropólogo e foi nessa época, por sua indicação, que entrei em contato com a obra *Orientalismo*, de Edward Said, que veio a fazer sentido em meus estudos posteriores. Com inquietações mil, fruto de questionamentos voltados à leitura ocidental do oriente, fui surpreendida pela notícia de que ele não estava mais trabalhando na universidade e tive que rever meu projeto. Foi então que alterei meu objeto de

pesquisa para a investigação do turismo cultural na cidade de Conservatória, no interior do Rio de Janeiro, e contei com a orientação de uma professora formada em turismo, que tinha uma visão mais positiva do turismo do que eu pretendia abordar. Era a única possibilidade de desenvolver a pesquisa, uma vez que era raro alguém do meu curso optar por investigação como trabalho final e a coordenadora em exercício ser uma profissional bastante técnica. Considerei a pesquisa e o resultado bem fracos, distantes do que desejava, mas a orientação me indicou passos que tomaria posteriormente, quando, diante das minhas colocações, a então orientadora sugeriu que eu tentasse mestrado no Programa de Pós-Graduação em Memória Social.

b. O gênero em conta, do mestrado ao doutorado

Concluí a graduação em 2011. Minha carreira como produtora cultural estava indo muito bem e me dediquei a ela. Durante o desenvolvimento dos trabalhos socioculturais e educativos nos quais atuei, pude perceber algumas coisas que me ajudaram a revisitar impressões do processo formativo. Destaco, nesta direção, o projeto Jovens Turistas, no qual acompanhei turmas escolares da rede pública do interior do estado do Rio de Janeiro em viagens culturais e pedagógicas à capital. Os passeios eram orientados por guias turísticos que também tinham a educação como prática: eram, na maioria, professores de biologia e história. O retorno dos estudantes era incrível sobre o sentido que visitar museus e parques florestais dava ao aprendizado em sala de aula, ao mesmo tempo em que me fazia pensar no quanto a experiência exclusivamente em sala, numa lógica bem próxima à de “dominante/dominado”, me havia sido prejudicial. Através desse trabalho vi a prática dando sentido ao conteúdo.

Em 2013 fui convidada a participar de processo seletivo de uma grande instituição para coordenar a equipe técnica responsável pela programação oferecida ao público. Fui aprovada e atuei nesta instituição durante 18 meses, quando abandonei a vida corporativa para dar voz ao desejo de fazer o mestrado. Foi, contudo, durante este ano e meio de coordenação que escolhi o tema que gostaria de abordar: a poesia e a própria figura do poeta Patativa do Assaré em sua relação com o espaço de onde falava. Minha proposta inicial era trabalhar a percepção da população local em relação

à representação atribuída ao espaço, que logo no portal de entrada dizia: “Bem-vindo à cidade da poesia popular”, com uma enorme imagem do poeta estampada. Também queria ouvir o poder público e familiares do poeta, para entender como funcionava aquela dinâmica. Porém, com a aprovação no Programa de Pós-graduação em Memória Social (PPGMS), um programa tradicional na pesquisa da memória, novamente com abordagem interdisciplinar. Sugeri, na candidatura, a orientação de uma antropóloga, mas ela só tinha uma vaga disponível e acabei ingressando sem orientação. Os rumos foram diferentes do proposto, como apresentarei a seguir.

Sem grandes referências de leitura, ou mesmo práticas, para me aprofundar nos meios de inserção em campo, a ideia de trabalhar com a entrevista foi se enfraquecendo até ser abandonada de vez. Um professor do Programa, sociólogo que trabalhava com fotografia e movimentos sociais, se dispôs a me orientar, mas seu direcionamento foi bem escasso e, com isso, seguia perdida sobre como consolidar, na prática, os métodos para seguir a pesquisa. As disciplinas obrigatórias também não apontavam nesta direção. Além disso, certa vez, trocando com pares em vias de escrever a qualificação, fiquei sabendo que o projeto teria que passar pelo conselho de ética para prosseguir e eu sequer sabia do que se tratava. Cheguei a questionar o coordenador que me deu respostas vagas, mas ainda não havia desistido completamente das entrevistas.

Nesta época eu conciliava os estudos com trabalho como freelancer em produção, para dar vazão às contas que a vida adulta me impunha, então, se quisesse atender aos prazos exigidos, não tinha muito tempo para me aprofundar sem um direcionamento mais efetivo. Mas insisti e manifestei o desejo no trabalho apresentado no meio do curso, para seguir com a investigação, a chamada qualificação. Eu estava grávida de sete meses e, ao defender a intenção de seguir com a pesquisa em campo, tive críticas severas atestando a minha incapacidade de dar conta da pesquisa e de uma criança pequena. A banca era toda composta por homens. Curioso que o primeiro a comentar tinha entendido perfeitamente a proposta fazendo sugestões de caminhos possíveis, enquanto o segundo parecia não ter lido. Quando respondi explicando que havia certa clareza no que havia defendido no trabalho, o primeiro não se posicionou, evitando o confronto com o colega. Sua postura reforça as pesquisas de gênero que abordam a

cumplicidade entre os homens¹². Esta compreensão me chegou depois, diante de outras experiências e leituras pós encerramento do segundo ciclo, mas à época, acabei acreditando que seria incapaz de seguir com os planos de trabalhar com entrevistas.

Antes da qualificação, mais uma vez a disciplina de metodologia foi uma grande frustração. Não dialogava com o que eu esperava para clarificar as dúvidas, apesar da promessa de ser excelente, já que estava dividida ao longo do semestre pelas linhas de pesquisa do Programa, com diferentes professores para cada linha. Entretanto, não consegui estabelecer conexão entre o conteúdo apresentado e a minha pesquisa, a disciplina passou sem deixar marcas positivas – sequer tenho o registro das referências bibliográficas, de tão confusa que foi – e sem me orientar sobre os caminhos a seguir no que se referia à abordagem metodológica do meu projeto. O professor da linha de pesquisa em que eu estava inserida fora um dos profissionais que compôs a banca de avaliação na minha qualificação e, ao ouvir suas colocações, tive a sensação de que não havia lido o que eu me dispunha a desenvolver.

Foi na disciplina eletiva, de “Memória e subalternidade”, ministrada por duas mulheres incríveis, uma antropóloga e uma socióloga, que me senti mais confortável e confiante. Embora tenha iniciado o percurso bastante insegura acerca da minha capacidade de estar naquele ambiente acadêmico, consegui, ao fim, definir melhor o recorte da pesquisa. Isso porque, para além das teorias, líamos e analisávamos produções artísticas também e, assim, os sentidos foram retomando, indicando caminhos que poderia percorrer na minha pesquisa. Como resultado, produzi o trabalho final voltado para a análise da utilização da poesia de Patativa do Assaré para reforçar os discursos instituídos pelas elites na construção de um discurso acerca da identidade do Brasil enquanto nação.

A antropóloga, que ministrou a referida disciplina, compôs a banca de avaliação da minha tese e fez contribuições bastante libertadoras também. É importante frisar que, ao contrário do que acontecera na qualificação quando eu não decidira a banca avaliadora, no momento da defesa fiz questão de convidar para a avaliação olhares femininos e que eu confiava que trariam contribuições robustas para o meu

¹² A Profª Drª Valeska Zanelo aborda a questão em seus estudos. Recentemente divulgou os resultados de uma pesquisa em que analisou os grupos de homens no aplicativo Whatsapp. Ver: Zanelo, 2020: 79-101. Disponível em:

<https://drive.google.com/file/d/1OChKr6mTPFDsA0w7Ehwgld0UFRcNLPME/view>.

amadurecimento enquanto pesquisadora. Em sua análise, o trabalho estava muito bem escrito, mas, como antropóloga, senti falta do meu posicionamento pessoal, como investigadora. Suas palavras indicaram que “confiei muito” nas referências teóricas que ancoraram a minha defesa e acabei deixando as minhas impressões de lado. Esta crítica fez muito sentido, tendo em vista que todo o caminho que havia trilhado até ali tivera como alicerce o medo da teoria, a insegurança e a sensação de não pertencimento ao ambiente acadêmico.

Hoje, entrando em contato com as contribuições de Feyerabend e Becker, consigo dar ainda mais sentido aos apontamentos sobre o trabalho. Percebo que sentia a necessidade, naquela época, de atender aos padrões mais clássicos que foram impostos na maior parte dos encontros disciplinares, cheios de durezas e cobranças hierárquicas. O fiz com muitas inquietações que surgiram ao longo do processo e que não foram apresentadas na escrita, seguindo por uma via oposta ao que os autores e as autoras, como vimos antes, indicam. O resultado foi um trabalho bastante coerente, mas que ao meu ver deixou uma série de pontas soltas que foram ignoradas propositalmente para que ele se apresentasse como “perfeito”, retomando as palavras de Becker. Identifiquei na contribuição do autor uma aproximação muito grande dessa experiência, quando diz que

Como um mundo de possibilidades ilimitadas nos confunde e ameaça nos esmagar com uma massa de fatos e ideias com que não podemos lidar, ficamos felizes quando podemos nos convencer de que já sabemos o suficiente para excluir algumas das possibilidades para as quais o truque da descrição exaustiva poderia nos alertar. As razões para isso são várias, mas envolvem invariavelmente pesquisadores que aceitam as ideias de outras pessoas sobre o que é importante, o que é interessante o que merece ser estudado. Mas outras pessoas têm razões para fazer esses julgamentos que não são as nossas. (Becker, 2008: 113)

Percebo que foi justamente a necessidade de fazer algo que fosse aceito e bem definido que fez com que sentisse meu trabalho como incompleto e inconsistente, apesar de levá-lo para defesa. Talvez por estar deixando as questões que me foram surgindo de lado para atender às expectativas hierárquicas, de quem me avaliava e a quem, de alguma forma, subestimei acreditando que operaria na mesma lógica de outros com quem cruzei ao longo do mestrado. No mesmo texto Becker traz contribuições que me seriam muito úteis à época. Ele nos sugere um truque que consiste em duvidar de qualquer coisa dita por uma pessoa que detenha o poder

indica, que nem sempre uma pesquisa que em determinado momento parece ser irrelevante, ou não ser considerado um “problema social”, permanece com esse status. Pode haver mudanças sociais que a elevem a categorias muito bem avaliadas, como aconteceu com ele algumas vezes (Becker, 2008: 116).

Não quero, contudo, ser injusta com o Programa que me acolheu. Há docentes com produções e trajetórias incríveis, que se colocam em uma relação horizontal com estudantes e orientam de fato os/as discentes. Para citar mais um exemplo, no desenvolvimento deste trabalho reli um dos textos publicados por uma delas, a Profª Drª Regina Abreu (2005), intitulado *Chicletes eu misturo com bananas?*, que expõe justamente o desafio posto ao se desenvolver uma pesquisa interdisciplinar. Fala dos cuidados e possibilidades dos cruzamentos entre as teorias. Ao reler, hoje, com um repertório mais amplo, percebo a influência que seu texto teve sobre o meu modo de trabalhar com os textos, com cautela, mas tentando que as teorias não ocupem um lugar de aprisionamento. Devo dizer que me surpreendi ao ver uma expressão que utilizei no rascunho dessa autobiografia ali, em seu texto: aprisionar em camisa-de-força. O que faz sentido permanece.

Demorei a pensar em seguir para o doutoramento, precisei de um tempo para dissolver toda a experiência do mestrado e deixar chegar a vontade de me lançar nas letras acadêmicas novamente. Ao chegar, fui redescobrimo o prazer que as leituras me traziam. O sentimento de que era um ambiente ao qual não pertencia permaneceu, mas, mais madura e diante do que o encontro com os autores e as autoras aqui trazidos/as, percebo que foi uma escolha fundamental para me dar conta de que não se trata de não pertencer ao ambiente das reflexões acadêmicas, sim aos moldes impostos por uma tradição investigativa que não faz sentido para mim. E isso não faz de mim mais ou menos pesquisadora, me faz perceber que novos resultados poderão ser alcançados com a originalidade e as vivências práticas, e interdisciplinares, que compõem minha trajetória. Sim, vale tudo, como sinaliza Feyerabend. Sim, tudo é possível, como indica Becker.

Elaborar por meio de autobiografia a trajetória que me trouxe ao doutoramento, mesmo com todas as pedras no caminho, é perceber que o trecho da música¹³ que escolhi para o título destas reflexões, “caminho se conhece andando”, traduz

¹³ Deus me proteja, de Chico César. Ver: <https://www.youtube.com/watch?v=E79ZV7rLeeA>

exatamente o que penso. Precisei caminhar por muitas durezas para o encontro com as metodologias da libertação. E acrescento aqui, já em vias de encerrar, os trechos subsequentes, os quais dizem que

então de vez em quando é bom se perder / perdido fica perguntando / vai só procurando / e acha sem saber / perigo é se encontrar perdido / deixar sem ter sido / não olhar, não ver / bom mesmo e ter sexto sentido / sair distraído / espalhar bem querer

Perceber a possibilidade de mais, seguir perguntando e procurando me fez achar sem saber, intuitivamente. Fez com que encontros com autores e pares, discentes e docentes, ressignificassem o medo do não-pertencer, percebendo as teorias e métodos como aliados. Não sei se estou preparada para enfrentar as batalhas académicas que uma reflexão menos tradicional pode proporcionar, mas saber que há uma grande e inspiradora gama de pensadores/as que abriram caminho para que essas batalhas fossem, hoje, possíveis, já é um enorme passo rumo à libertação.

Referências bibliográficas

- Abreu, Regina (2005), "Chicletes eu misturo com bananas?", in Jô Gondar; Vera Dodebei (org.), *O que é memória social?*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 27-42.
- Andrade, Carlos Drummond de (2001), *Antologia poética*. Rio de Janeiro: Record.
- Becker, Howard (2008), *Segredos e truques de pesquisa*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda.
- Becker, Howard (2010), *Falando da sociedade - Ensaios sobre as diferentes maneiras de representar o social*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda.
- Bonetti, Aline; Fleischer, Soraya (org.) (2007), *Entre saias justas e jogos de cintura*. Florianópolis; Santa Cruz do Sul: Ed. Mulheres; EDUNISC.
- Bueno, Belmira Oliveira (2002), "O método autobiográfico e os estudos com histórias de vida de professores: a questão da subjetividade", *Educação e Pesquisa*, 28(1), 11-30. Consultado a 06.06.2021, em <https://doi.org/10.1590/S1517-97022002000100002>.
- Cordovil, Daniela (2007), "Casos e acasos: como acidentes e fatos fortuitos influenciam o trabalho de campo", in Aline Bonetti; Soraya Fleischer (org.), *Entre saias justas e jogos de cintura*. Florianópolis; Santa Cruz do Sul: Ed. Mulheres; EDUNISC. 255-279.
- Feyerabend, Paul (1977), *Contra o Método*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora S.A.
- hooks, bell (2013), *Ensinando a transgredir - a educação como prática da liberdade*. São Paulo: Martins Fontes.
- Godinho, Eliane (2017-2018), "A perspectiva do olhar da pedagoga popular feminista sobre a construção da artesã-educadora-pesquisadora: uma autobiografia de gênero". [Não publicado]. Trabalho apresentado no Seminário Perspectivas Sociológicas sobre Trabalho e Família, CES, Coimbra.
- Kilomba, Grada (2019), *Memórias da Plantação - Episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogó.
- Leal, Halina Macedo (2016), "Paul Feyerabend e Contra o Método: quarenta anos do início de uma provocação". *Cadernos IHUideias*, 14(237), 3-16. Consultado a 27.06.2021, em www.ihu.unisinos.br/images/stories/cadernos/ideias/237cadernosihuideias.pdf
- Leminski, Paulo (2002), *Distraídos venceremos*. São Paulo: Brasiliense.
- Perez, Olivia Cristina (2018), "O Que é Interdisciplinaridade? Definições mais comuns em Artigos Científicos Brasileiros". *Interseções: revista de estudos interdisciplinares*, 20(2), 454-472. Consultado a 27.06.2021 em <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/intersecoes/article/view/39041>
- Salomão, Waly (2014), *Poesia Total*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras.
- Silva, Frederico A. Barbosa da (2007), *Política Cultural no Brasil, 2002-2006: acompanhamento e análise*. Brasília: Ministério da Cultura.